

O DESAFIO DA RECONSTRUÇÃO DO BEM-VIVER CONTEMPORÂNEO BANIWA NO NOROESTE AMAZÔNICO BRASILEIRO¹

André Baniwa

Aldeia Tucumã-Rupitã do Rio Içana, São Gabriel da Cachoeira, Amazonas
Assessor do Departamento de Atenção Primária Saúde Indígena SESAI/MS
E-mail: andrebanawa@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2629-1875>

DOI: <https://doi.org/10.5380/guaju.v11i.98733>

¹ Texto construído com base na apresentação da palestra de André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável, Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral em 28 de maio de 2024. Transcrição da palestra: Analía Bardelás, Elson Andre de Lima, Larissa Alexandrino Baran, Marcos Vinicius Ferreira Garcia Pichel, Marina Sefrian Chiva e Michelli Cristina Buzzi. Revisão do texto: Analía Bardelás, Elson Andre de Lima, Viviane Camejo Pereira e André Baniwa.

Resumo

Texto construído com base na apresentação da palestra de André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável, Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral em 28 de maio de 2024.

Palavras-chave: Povo Baniwa; Interculturalidade; Sustentabilidade; Povos Indígenas.

The challenge of reconstructing contemporary baniwa well-being in the northwest brazilian amazon

Abstract

Text constructed based on the presentation of André Baniwa's lecture in the inaugural class of the Postgraduate Program in Sustainable Territorial Development, Federal University of Paraná - Setor Litoral on May 28, 2024.

Keywords: Baniwa People; Interculturality; Sustainability; Indigenous Peoples.

*Hao, Matsia! Kattima nokaale pikadaka kaako nhua. Deepina waikaa! Matsia nokitsienapee, kapha matsiapetsa hia? Kapha kattimatsa hia?*² – Que bom! Meu coração está feliz por deixar eu falar aqui. Boa tarde, felicidade, meus amigos. Vocês estão bem? Vocês estão felizes? Isso que eu falei na minha língua Baniwa, para vocês sentirem essa língua, uma das línguas Aruak. Nós ainda falamos nossa língua no Alto Rio Negro. Têm uns 2% que falam a língua geral [Nheengatu³] por lá também por causa da igreja, mas a maioria fala Baniwa. Têm uns lugares ainda que só falam Baniwa, não escutam português, têm umas senhoras que não escutam português ainda, mas têm muitos jovens que já aprenderam a falar. Muito obrigado pelo convite, muito obrigado pelo acolhimento, aos professores, às coordenações, à direção. Hoje tivemos umas conversas sobre os problemas, sobre o tema que a gente vem tratar aqui e estou feliz por compartilhar a experiência do povo Baniwa com vocês.

Vou trazer o assunto Bem-viver. A gente tem essa origem, ela vem de *buen vivir* ou *bien vivir*, mas para a cultura Baniwa isso não existe diferença, existe *matsiakaro wemaka* (para melhor vivermos) – ou *weemakaro matsia* (para vivermos melhor) que é exatamente Bem-viver ou viver bem, e viver bem não tem muita diferença em relação a isso. Vou trazer para vocês um pouco o relato de experiência do povo indígena Baniwa no contexto de 23 povos indígenas do Rio Negro que é no Noroeste Amazônico, no estado do Amazonas, no Alto Rio Negro.

Os Baniwa são 6.000 pessoas do lado brasileiro, 6.200 mais ou menos, existem Baniwa colombianos e venezuelanos, mas estão no mesmo território, a nacionalização desses pedaços de divisão de terras é que nos separou e estamos com três nacionalidades diferentes, esse é o tema que a gente vai tratar. O sentido é a reconstrução desse Bem-viver e eu vou dizer porquê, vou trazer para vocês o que é Bem-viver para os Baniwa e o que ela significa, como ela nos ajuda, como ela nos potencializa também.

Por que reconstruir o Bem-viver? Essa palavra dá um sentido de que antes a gente tinha Bem-viver e se a gente tinha Bem-viver antes, a gente está falando de reconstruir esse Bem-viver, significa que o Bem-viver foi desconstruído, foi destruído, foi desconfigurado. Então algumas das coisas que eu trago aqui para vocês é que no caso específico do Rio Negro tinha confederações indígenas entre Solimões e Rio Negro no baixo Amazonas, havia também federações indígenas e através desse é que tinha um sistema de funcionamento político, econômico e social daquele território, antes da colonização que estou falando.

2 Ta, que bom! Meu coração está feliz por deixar eu falar aqui. Boa tarde, felicidade, meus amigos. Vocês estão bem? Vocês estão felizes?

3 *Nheengatu* - língua originada do Tupinambá, língua geral amazônica.

Vocês vão encontrar, se quiserem aprofundar no assunto no livro do Robin Wright, ele é estudioso há mais de 30 anos do povo Baniwa. Então esse é o sentido, parece que aconteceu no caso da cultura Baniwa. Tem uma explicação sobre como isso aconteceu, não vai dar para aprofundar nessa questão agora, a gente chama comparativamente que houve uma profecia sobre o que a gente passou e sobre o que a gente está reconstruindo agora novamente.

Esse aqui é símbolo da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Figura 1). Esse aqui é da organização indígena Baniwa e Kuripako: *NADZOERI* (Figura 02).

Figura 01 - Federação das organizações indígenas do Rio Negro



Fonte: Apresentação utilizada por André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável em 2023.

Figura 02 - NADZOERI



Fonte: Apresentação utilizada por André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável em 2023.

Esse símbolo *NADZOERI* significa três personagens na língua de vocês míticos, que nós chamamos de criadores dos povos, a gente chama *walimanai* (humanidade) da humanidade de hoje, *Ñapirikoli*, *Dzooli* e *Eeri*, são os iniciais dos nomes das personagens que

criaram e reorganizaram o mundo para nós. A OIBI que é a Organização Indígena da Bacia Içana (Figura 03), onde eu trabalho, através do qual essa experiência que eu vou contar para vocês e carrego junto comigo um pouco o Ministério dos Povos Indígenas também, que eu vou trazer algumas ideias a partir disso para vocês.

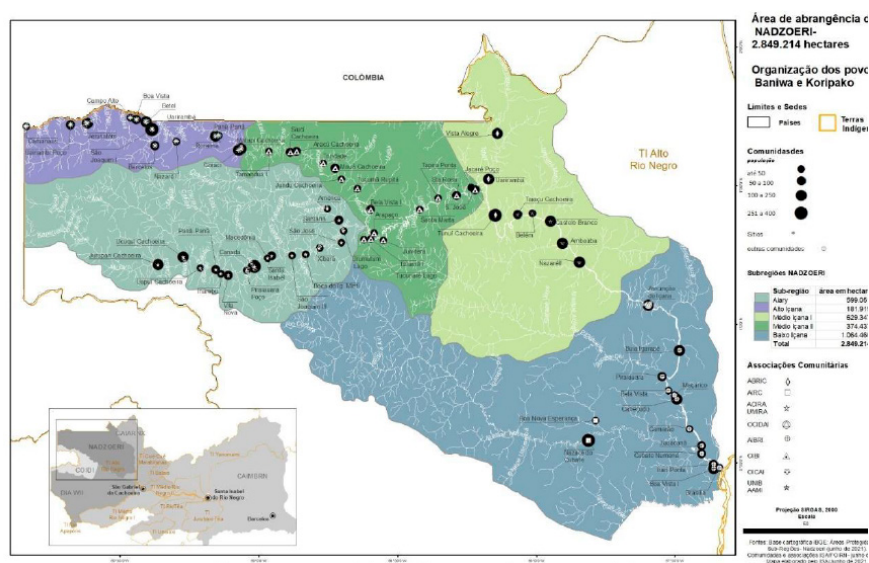
Figura 03 – OIBI



Fonte: Apresentação utilizada por André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável em 2023.

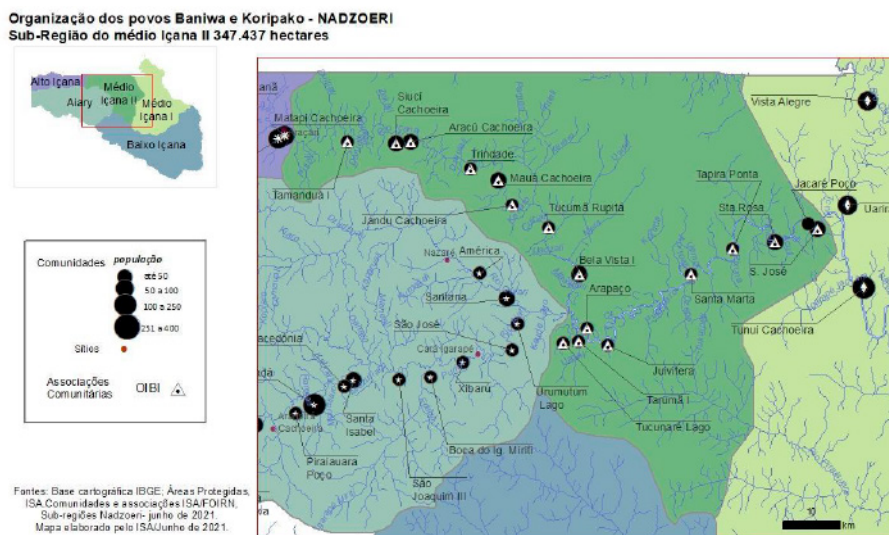
Esse é o território do povo Baniwa (Figura 04), são 85 comunidades espalhadas principalmente nessa área e através do PGTA, que é Plano de Gestão Territorial, é que a gente fez essa divisão de territórios entre nós, para a gente organizar melhor nosso território, pensar melhor nosso território e pensar melhor a gestão territorial do nosso território, que é quase 3 milhões de hectares aqui dentro da Terra Indígena do Alto Rio Negro, que foi demarcada e homologada em 1997/98.

Figura 04 – Terra Indígena do Alto Rio Negro



Esse aqui é uma área específica dessa organização onde eu tenho mais experiência (Figura 05):

Figura 05 – Mapa área de abrangência da NADZOERI



Fonte: Apresentação utilizada por André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável em 2023.

Aqui nós somos especificamente hoje em dia 11 associações Baniwa e uma dessas organizações é a maior que nos representa como povo Baniwa e Kuripako, os demais são representantes de certo número das comunidades. Nosso território é longe, só tem acesso através de rios usando o motorzinho rabeta, é um motorzinho pequenininho que leva a gente, pelo menos é melhor do que a remo, antigamente a gente andava a remo, eu ainda cheguei a remar umas 5 vezes entre minha comunidade que é Tucumã-Rupitá, até a cidade de São Gabriel da Cachoeira. Dependendo da época, no verão que o rio é seco, leva 14 dias para chegar de volta para lá, já na cheia no mês de agosto levamos 45 dias remando para chegar de volta aqui, então é essa a experiência.

Bom, é importante falar para vocês o que é essa reconstrução do Bem-viver antes de falar para vocês o que é Bem-viver, para a gente chegar nele, esse é mais recente, um outro sentido que a gente encontrou para elas. Em 1984 foi a primeira Assembleia Geral de Líderes Indígenas do Alto Rio Negro e essa foi muito importante porque os Baniwa participaram, os Baniwa entenderam que não adiantava ficar isolado, tinha que aprender a falar a língua portuguesa, tinha que aprender a contar números como a sociedade conta os números. Os Baniwa entenderam nessa época que, por não falar português, por não conhecer a cultura

não-indígena , é que eram muito explorados. Então se decidiu, nessa época falaram assim: “a gente precisa estudar, a gente precisa deixar nossos filhos estudarem para ver se um dia a gente consegue ter um diálogo”. As lideranças da época falavam para a gente falar de igual para igual. Em 1987, na segunda Assembleia Geral dos Povos Indígenas cria-se a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, então em 1984 é que recomeça a reorganização dos povos indígenas. Em 1989 o povo Baniwa cria a primeira Associação das Comunidades Indígenas do Rio Içana, que é do povo Baniwa, que foi extinta em 1999 e em 1992 ocorre a criação da Organização Indígena da Bacia do Içana. É um pouco antes da Constituição [Federal de 1988] (1ª assembleia Geral de Líderes Indígenas do Alto Rio Negro) e a nossa Organização de 89/92 é depois, já garantido o nosso direito na Constituição. Antes da Constituição nós fomos tutelados, nós éramos definido como incapazes, e no ano 2000, alguns anos depois, essa Organização Indígena da Bacia do Içana tem esses três projetos principais que são Medicina Tradicional, Arte Baniwa e Escola Indígena Baniwa e Kuripako.

Por isso nós temos entendido que a Associação é como se fosse uma ferramenta, ferramenta como o terçado⁴, não sei que ferramenta vocês têm aqui que usa tecnologia mais sofisticada, mas se você cortar com o terçado não amolado vai ter calo na mão rapidamente, mas se você tem um terçado, um facão bem amolado, você vai trabalhar com gosto de uma certa forma e essas ferramentas, não é só criar essas ferramentas, você tem que saber usar essas ferramentas que não são da nossa cultura.

No caso das Associações Indígenas, Organizações Indígenas, as Coordenações, esses regionais e nacional, elas estão garantidos dentro da Constituição que são instituições que tem CNPJ e estão atrelados a uma legislação que você tem que cumprir, e esses projetos trazem um sentido para ela, a grande questão que nós enfrentamos, nós povos indígenas, é que nós somos historicamente apagados, invisibilizados, e com discriminação, preconceito, racismo, inclusive de atrocidade, que chega a violência, assassinatos, então a gente precisava, no caso, ter visibilidade por meio desses projetos. Então os Baniwa decidiram que tudo fosse ligado ao povo Baniwa, por isso Medicina Tradicional Baniwa, por isso Arte Baniwa, por isso Escola Baniwa, para ter uma forma de chamar a atenção, uma forma de trazer e contar as histórias da Amazônia para chegar a falar para vocês de Baniwa, acho que tivemos sucesso nesse sentido. Mas o que é Medicina Tradicional Baniwa? Por que Baniwa? Isso traz muita conversa.

4 Facão usado para abrir caminho na floresta.

No ano de 2012 a escolaridade, essa escola indígena Baniwa e Kuripako, ela influenciou, impactou positivamente, o município criou muitas escolas de ensino fundamental, que a gente não tinha, e no ano de 2012 o povo Baniwa incorpora no seu calendário tradicional as formaturas interculturais, isso é muito significativo para a gente. No ano de 2018 a gente criou essa última organização representativa do povo Baniwa e Kuripako, são esses instrumentos que nós temos, nós criamos para lutar pelo Bem-viver.

Os Baniwa, em 1992, decidiram que trabalhassem o fortalecimento da identidade, da cultura e do conhecimento, porque o povo Baniwa, os mais idosos da nossa tradição que manejam os conhecimentos, quando escutaram que temos direitos na constituição, falaram assim: “agora estão autorizando a gente recuperar nosso próprio conhecimento, eles não nos enganaram, porque levaram muitos dos nossos materiais para o museu, trocavam, mas diziam que todo esse conhecimento era de satanás, do diabo, que levava para o inferno, vamos dizer assim, eles nos enganaram porque levaram, se fossem do diabo então não levariam para casa, quem quer diabo na sua casa?” Essa é a conclusão dos mais velhos, por isso falaram: “nós vamos fortalecer nossa identidade, nosso conhecimento e temos que buscar a escola, agora estamos autorizados para fazer isso”, essa foi a conclusão.

Mas o que é medicina tradicional Baniwa? Aqui nós temos só como exemplo para vocês, plantas preventivas e cosméticas, não sei se tem diferença para vocês, em português me parece que tem algumas diferenças, plantas preventivas, assim como vacinas, nós temos plantas cosméticas também, são de embelezamento, para ficar jovem mais tempo, para ficar com o cabelo preto mais tempo, não embranquecer o cabelo muito cedo, isso na cultura Baniwa significa que esse cara não se cuidou, quebrou regras, não tomou banho de madrugada, isso que ensina nossa cultura, tomar banho, quatro horas da manhã, não dormir mais e pegar o frio, por isso que eu gosto de frio, para ver se meu cabelo fica mais tempo preto.

Nessa linha aqui tem muitos conhecimentos, vou associar isso ao Bem-viver depois e às plantas de manejo. Os Baniwa são conhecidos, alguns registros antigos de historiadores, plantas de manejo que eu chamo, são aquelas plantas que têm poder atrativo de animal, então não correr atrás do animal, atrair animal para atirar, para flechar, assim como os peixes, então não assustava os animais e por isso mantinha o estoque abundante para a segurança alimentar, nos lagos, nos rios, nos igarapés e existiam esses lugares. Hoje em dia falam muito de lugares sagrados que são lugares de reprodução, eu vou traduzir isso para vocês como se fosse código florestal para vocês, aquele não pode mexer, se mexer vai dar errado, é perigoso, os velhos falavam assim exatamente para proteger aquele local de procriação desses animais e manter a facilidade de você pescar e ter a sua comida dentro da comunidade.

A parte medicinal, todas as doenças são curáveis, só exemplificado para vocês [fala-se sobre um projeto com a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Amazonas e o potencial da medicina Baniwa para a cura de doenças]. Só que os Baniwa não mostram isso para ninguém, a não ser que me dê um remédio correspondente na sua cultura, então eu vou trocar com vocês, é assim que eles protegeram esse conhecimento, mas tiramos algumas fotos que eles apresentaram para nós. E a parte espiritual está tudo relacionado com essas plantas. E o “pajé”, eu sempre digo que esse pajé tem um conceito negativo por causa da religião, mas a gente não sabe de onde veio essa palavra “pajé”, porque em Baniwa é *maliiri*. *Maliiri* é aquele que a gente sabe que conhece doenças, sabe diagnosticar e sabe recomendar plantas para curar essa doença, assim como ele usa o poder da oração tradicional para curar doenças. Só para vocês terem uma ideia, a picada, o veneno da cobra de jararaca, pela oração os pajés curavam a pessoa, não precisava ir lá buscar planta para curar o veneno da cobra no paciente, eles faziam isso, então esse é o conhecimento, essa é a identidade que nós temos. Isso aqui é fácil explicar para não-indígena? Não, tem outra forma que o não-indígena tem que ser traduzido para sua linguagem para poder dizer que funciona.

Vamos olhar aqui outro projeto dessa organização antes de entrar no Bem-viver que é a pimenta, esse é o conhecimento das mulheres. As mulheres Baniwa manejam 78 espécies diferentes de pimenta, uma pimenta bem diferente. As mulheres reivindicaram, na verdade, junto a nossa associação para elas terem renda própria, porque na cultura Baniwa quem faz cestarias para processamento da mandioca são os homens, fazem e entregam para a mulher usar, então quando a gente trabalhou a questão de geração de renda com os homens produzindo, seriam eles que decidiriam sobre ela e o que comprar. E as mulheres não tinham poder de decisão sobre a renda, mas respeitavam o marido. Só que o homem pensa em buscar comida para a família, facilitar transporte, no caso eu falei da rabeta que vocês não conhecem – um motorzinho pequeno – ou precisa comprar espingarda para atirar em anta, cutia, para alimentação, ou comprar malhadeira, comprar materiais que ele vai usar para caçar e alimentar a família.

A mulher é diferente, cuida dos filhos, cuida de casa, precisa de sabão, precisa de sabonete, precisa cuidar dos filhos, para a roupa dos filhos e assim por diante. Então elas reivindicaram e a gente viu que a pimenta (Figura 6) que todas as mulheres têm, não precisa de terra muito grande para elas terem uma horta de pimenta. E por isso a gente trabalhou em uma experiência muito rica que tivemos, porque ela é diferente de artesanato, esse aqui é alimento. E a gente precisou seguir padrões da Anvisa inclusive, porque a gente queria oferecer para os não-indígenas comer com a gente, porque eles tinham dinheiro, né?

Figura 06 - Pimenta produzida pelas mulheres Baniwa



Fonte: Apresentação utilizada por André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável em 2023.

A cestaria é dos homens (Figura 07). Nós criamos inicialmente no ano 98/99, teve um processo e a gente chegou e criamos essa marca a Arte Baniwa, é outra marca, que a da pimenta também está registrada no INPI, e a gente chegou a ter vários fornecimentos para a Tok&Stok, que é uma rede de móveis no Brasil, e com a Natura e outras empresas, chegamos a comercializar nossa cestaria como proposta de ornamentação dos escritórios, de casa, de locais de eventos, até hoje eu vejo às vezes é o *Ooloda*, o *Walaya*, *Kaxadadali*, *Dopitsi*, *Dzawithida*, tem mais do que isso.

Figura 07 – Cestaria produzida pelos homens Baniwa



Fonte: Apresentação utilizada por André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável em 2023.

Esses tradicionalmente são de utilidade doméstica, da cozinha, processamento da mandioca brava aqui para cuidar, para fazer farinha, beiju, tapioca, é tudo que é derivado da mandioca, mandioca brava, não é qualquer mandioca, não é aquele mansa, a macaxeira que vocês chamam aqui talvez, mas é brava mesmo, aquele venenoso mesmo. Então os Baniwa têm essa tradição, o povo do Rio Negro tem essa tradição de transformar a mandioca brava em alimento. A gente ganhou prêmios com esses projetos. Foi assim que a gente vem tendo visibilidade no país: da medicina tradicional, da arte Baniwa.

Finalmente chegamos no Bem-viver. O Bem-viver é um assunto que um assessor trouxe e colocou para nós. Nós tínhamos um assessor de Minas Gerais que acessou o jornal que geralmente publica de outros países vizinhos... ele mandou para a gente esse assunto de *buen-vivir*. A pergunta dele: “vocês têm? Esse *buen-vivir*?” E a gente tinha um conflito enorme entre nós. É bonito isso aí, a gente ganha prêmios, têm visibilidade, mas têm muitos conflitos entre nós, internamente. Não só internamente, mas por influência de externos também. Uma das coisas que veio na minha cabeça: o que é esse Bem-viver? A gente não tinha, porque na Constituição isso não existe. Existe lá bem-estar social, mas o que é bem-estar social? Isso deu um nó na cabeça em relação ao que é o Bem-viver? Será que, de fato [existe?]... Essa pergunta dele ficou martelando na cabeça. Comecei a conversar com várias lideranças, inclusive com o pessoal de mais tradição do nosso povo, com o meu próprio pai, meu pai ainda está vivo e ele é a pessoa com quem mais converso sobre qualquer coisa. E eu fui entendendo que ele existe e na verdade o Bem-viver é um discurso de todos os dias nas comunidades indígenas.

Na cultura Baniwa, por exemplo, na cestaria: o outro vai fazer o melhor daquela outra pessoa porque ele quer fazer o bem, ele quer se sentir bem com aquilo, ele quer dizer que “eu sei fazer bem feito”, não é para competir, é para ele se sentir bem com todo mundo e poder ensinar os outros também, e assim vai fazer a casa, fazer a roça, plantar mandioca que dá muita raiz e ele vai poder passar para outras pessoas... As mulheres também, fazendo a pimenta elas vão contar isso com orgulho e assim vai. Para quê? *Matsiakaro weemaka* (Bem-viver entre nós) ou *weemakaro matsia* (nosso viver bem) ou *halaamekaro weemaka wainaiwaaka* (transparência de vivência entre nós). Então você faz uma coisa e compartilhar é para você se relacionar bem, se sentir bem com as outras pessoas. Mas assim, foi aos poucos e a gente chegou a pautar na Assembleia, dizendo assim: “tem esse assunto, a cultura fala sobre isso, a gente precisa compartilhar e conferir isso”. E aí a gente discutiu isso coletivamente no ano 2016 em uma conferência específica sobre a organização social nossa

e refletindo centralmente sobre o Bem-viver. Todas as nossas experiências, algumas coisas que eu apresentei aqui para vocês, por que elas são importantes? Com o que elas colaboram com a gente? Tem sentido para nós? Isso traz felicidade para nós ou só traz briga para a gente ficar mal com o outro? Na verdade a gente tem esses conflitos por causa também de muitas coisas que estão chegando nas comunidades, a religião católica e evangélicos são muitos entre si e cada um disputando o coração do outro por aí, disputando esse espaço, e as comunidades ficam perdidas. Além da presença do Estado, que é a FUNAI, que é município, que é prefeito, que é vereador, é deputado estadual, governador, secretário não sei o que, e vem a nível nacional, presidente da república, ministro, isso é difícil de entender.

A pergunta central da nossa discussão é: qual é o objetivo de todas essas instituições? Por que eles vêm em cima da gente? Aparentemente eles têm o objetivo de ajudar a comunidade, mas por que eles ficam falando mal um do outro? Por que não juntam o dinheiro e entregam para nós resolvermos o nosso problema? Então o Bem-viver ele vai ajudar a gente a pensar nos nossos conflitos, no caso do povo Baniwa. E por trazer essa dificuldade de entendimento do significado da função de cada uma das instituições nas comunidades também criaram outras personagens, pastor indígena, freira indígena, padre indígena, militar indígena, a gente é assim hoje em dia, então dá um caldo enorme, difícil de engolir, difícil de tomar, difícil de suportar vamos dizer assim. Mas existem muitas coisas que são misturadas e são boas de comer também, acho que entra o Bem-viver aí nessa história.

Eu sempre comparei com eles - com o meu povo - assim: na cultura não-indígena de vocês, bolo é um bom exemplo. Claro que comer demais doce não é bom, estraga o estômago, mas o bolo só é gostoso porque tem vários ingredientes e na medida certa. A nossa comida de *Quinhapira*⁵ com pimenta também só é gostosa porque tem peixe, água, pimenta, sal... e na medida certa também. Então podemos aprender através dessas experiências bem pequenas e com o sentido de viver bem ou para melhor viver. Podemos ter tolerância um com o outro, respeitar um ao outro e dialogar primeiro antes de partirmos para a briga feia.

Qual é o sentido, a razão da nossa existência? Qual é o sentido, a razão da existência dessas instituições? Precisamos fazer essas instituições que nos trazem conflitos, brigando cada um entre eles por nós, pela comunidade, fazer [eles entenderem] que isso não é um bom caminho, isso não traz felicidade para nós. Nossos conflitos internos, todos os dias

5 Em *Nheengatu* (língua geral) para se referir a comida preparada e cozida de peixe com pimenta, água e sal.

dentro da nossa família, basta isso! O outro não tem que trazer essa infelicidade para nós, tem que trazer a felicidade para nós senão não serve para nós.

Nós trouxemos a publicação do livro porque umas 200 pessoas discutiram isso, nós somos 6 mil pessoas, aí era mais a questão de liderança, de pensar... Se ficar no relatório de prestação de conta, ninguém vai ler, vamos transformar isso em livro. E quando nós elaboramos esse livro, nós pensamos assim: “não pode ficar só nos Baniwa, outros vão ter que acessá-lo também”.

O João Viana que é de Santa Catarina, eu acho que ele é professor lá agora, ele tem sido pesquisador da nossa cultura, e outra professora lá da Unicamp também participaram. Nós chamamos os ouvintes do nosso evento, que eram esses pesquisadores da nossa cultura, para comentar o que nós estávamos fazendo, até para contar com eles de alguma certa forma com o apoio no processo da discussão que nós estávamos tendo.

E eles falaram “isso é muito bom, vamos te ajudar a elaborar esse livrinho”. E a gente fez, publicamos esse livrinho, mas teve um processo, ele conhecia aqui, por isso que veio para a editora da Universidade Federal do Paraná. Ele articulou, teve edital, participamos, o parecerista foi esse Robin Wright, que estudou mais de 30 anos no povo Baniwa, ele queria que eu contasse a mitologia Baniwa, que não era o objetivo do livro (Figura 8). Aí explicamos, convencemos eles e publicamos esse livro que nós compartilhamos sempre em algum lugar e tem sido bastante procurado nos últimos tempos.

Figura 8 - Imagens do livro: Bem Viver e Viver Bem Segundo o Povo Baniwa no Noroeste Amazônico Brasileiro.



Fonte: Apresentação utilizada por André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável em 2023.

Então o Bem-viver, você vê lá o vovô lendo o Bem-viver? Mas, o que é o Bem-viver a partir dessa imagem aqui para vocês? Dos mais jovens, dos jovens de Ensino Médio e professores que estavam fazendo licenciaturas foram envolvidos na pauta, eles pesquisaram isso também e a gente levou lideranças, os mais velhos, lideranças da igreja, porque nós não desconstruímos isso, continuamos respeitando a religiosidade de cada um, mas a gente queria ouvir sobre o Bem-viver e a gente chegou à conclusão que o Bem-viver são boas ações das pessoas, essa boa ação das pessoas que resulta em Bem-viver.

Bem-viver é uma meta, tipo essa da sustentabilidade, ela tem um plano de sustentabilidade? Nunca é sustentável, faz um projeto de três anos, na pergunta final, qual é o plano de sustentabilidade? E a gente vê pela experiência em termos do Estado brasileiro até mesmo aqueles que têm muito dinheiro, sempre recorre a alguém, não dá certo o trabalho e a empresa... vai falir... o governo vai lá e... auxilia com perdão de dívida.

Nunca é sustentável, nunca é por si só, a gente sempre precisa de alguém. Esse é o entendimento que nos trouxe o Bem-viver. E se a gente aprofundar na questão cultural do povo Baniwa, *Koame pideenhikani* – como você faz Bem-viver? – Por isso, nesse livro, vocês vão encontrar conselhos do Bem-viver. Esses conselhos do Bem-viver são muito parecidos com os da Igreja da “palavra de Deus”, são muitas coisas parecidas. Porque na cultura Baniwa existe o treinamento que era tradicional entre duas semanas mais ou menos, 21 dias no máximo, que era como se fosse o período da escola, o período em que se transmitia o conhecimento para os mais jovens para ficarem adultos. É nesse período que eram instruídos os homens e as mulheres também, escolhia a pessoa mais respeitada que tem mais conhecimento, para repassar esses conhecimentos para esses jovens ou para essas jovens. E no final estava tudo certo, já estavam prontos para fazer casamento, cuidar, fazer casa, construir.

Os princípios que eles aprendiam ajudavam cada vez mais a se aperfeiçoarem no dia a dia deles. Um deles, para vocês, é assim: eles ensinavam sobre a fome, por isso no período desse treinamento esse jovem não come pimenta, não come comida de peixe, nem carne, só toma água e chibézinho⁶. E na cultura Baniwa a pimenta é em primeiro lugar, tem que ter. Por isso, exatamente proíbe aquilo que mais a gente gosta, para a gente sentir a falta dela, para a gente sentir a dor que isso significa quando alguém chega perto de você e diz assim: “Você tem um pouquinho de comida? Você pode me ajudar?” Isso é para ensinar e prontamente colaborar com esse tipo de pessoa, ou receber, nós somos orientados para

6 Prato típico da culinária amazônica.

receber as pessoas, qualquer um que chegar na nossa casa, e oferecer o que nós temos para ele sem perguntar. Tem muitas histórias parecidas com isso, um choque de culturas com os não-indígenas. Mas é isso, não pergunta, oferece o que você tem se você perguntar, de repente pede aquilo que você não tem, então oferece o que você tem. [risos]

Então tem esses conselhos que a gente recebe que é para o Bem-viver. Eles ensinam a nossa cultura, que está relacionado [com o seguinte]: nós sempre temos inimigos ou vocês não têm inimigos? Vocês também têm inimigos? O ensinamento na nossa cultura, às vezes mesmo você sabendo o que ele é ou você acha que é, mas você não tem certeza que é, o ensinamento é que você também o receba igualmente, oferece comida igualmente, quem sabe por isso ele vai repensar o que ele tinha pensado contra você: “Essa pessoa me deu comida, acho que estou errado, estou com raiva à toa”, ele vai de repente esquecer isso, ou alguém que o conhece, para quem ele contou, vai chamar a atenção: “está vendo? Te recebeu bem, deu comida, falou numa boa... Está preocupado contigo, por que você fica insistindo nisso?” Esse é o ensinamento do Bem-viver, o conselho do Bem-viver é a ação que você faz pode impedir a ação do inimigo. São vários, uma lista que nós fizemos no livro⁷, o que serve são ações.

Quando você chega na comunidade você vai encontrar refeições pela manhã que são coletivas. Geralmente ao meio-dia não tem almoço lá, cada um come no seu trabalho, mas no final da tarde, novamente vai ter uma reunião e o coletivo de refeição. Cada um traz o que conseguiu e vai compartilhar com todo mundo, mesmo aquele que não conseguiu pegar um peixe, mas ele pode ter encontrado açaí, patauá, fruta, ele vai cooperar com isso, ou se não tiver nada, ele vai ajudar a distribuir, comendo, para todo mundo, todo mundo feliz. Esse é o resultado da ação de cada um, do coletivo das comunidades. Os missionários confundiram isso quando tentaram organizar trabalhos comunitários na cultura Baniwa do Alto Rio Negro. No Alto Rio Negro como um todo isso não serve, cada um tem sua roça, mas coopera com o que consegue trabalhar, o que é coletivo de fazer... é fazer a roça, capinar a roça, mas tirar individualmente, preparar farinha beiju é individual, caçar, pescar é individual, compartilhar é coletivo.

O Bem-viver nós tentamos trabalhar a partir da nossa cultura, encontrar as práticas que nós temos para tentar tirar esses conflitos permanentes que estavam gerando conflitos entre religiosos, lideranças indígenas, professores, fortalecimento da cultura, retomada da

7 Trata-se do livro de André Baniwa publicado em 2020: Bem Viver e Viver Bem Segundo o Povo Baniwa no Noroeste Amazônico Brasileiro. Disponível na Editora da UFPR: <https://www.editora.ufpr.br/produto/397/bem-viver-e-viver-bem-segundo-o-povo-baniwa-no-noroeste-amazonico-brasileiro>

cultura, a música, a dança, e a “palavra de Deus” parecia que era contra. E nós fomos buscar também em um livro, tem uma pergunta, Bem-viver é contra a “palavra de Deus”? Não existe, é o que mais fala do Bem-viver inclusive. Então, não é verdade que o Bem-viver da cultura indígena é contra a “palavra de Deus”. Na verdade a “palavra de Deus” vem talvez somar, consolidar, aprofundar, porque nós estávamos esquecendo o nosso Bem-viver.

Essa é a cultura Baniwa do Alto Rio Negro por serem muito religiosos. Eu falei para vocês que tem padres, freiras, pastores, está assim. Bom, então uma das coisas que chamou minha atenção em relação ao Bem-viver é que ele é produto, fruto, não do verbo amar. O verbo amar, você faz uma conjugação no passado, no presente e no futuro. Mas, o Bem-viver que é *lpedzokhetti* (amor) em Baniwa, é fruto de *lpedzokhetti*, você não faz conjugação dela. É o que mais me chamou a atenção quando escrevi e discuti sobre isso. Porque parece uma coisa pronta, mas também não é uma coisa que começa nem termina, ela é fixa. O coração do homem, a prática do homem é que são flexíveis. Parece que fica flutuando assim, uma hora fica triste, fica bravo, às vezes está feliz, pensa positivo de uma hora para outra novamente... parece uma onda assim. Eu concordo com algumas partes do ensinamento da Bíblia, que existem em nós duas coisas, coisas boas e coisas ruins. Nas culturas indígenas existe isso, uma parte boa e uma parte que eu acho que a gente não deveria praticar, em todas as culturas é assim.

O Bem-viver ele consegue e pode colocar você dialogando com todo mundo independente das suas crenças e religiões, então ele tem uma força muito grande, por isso a gente acha que o Bem-viver é uma coisa que precisamos compartilhar cada vez mais entre nós Baniwa, entre outros povos indígenas, entre os não-indígenas também. E aqui eu trouxe essa imagem daqui que eu chamei de vovô, esse é um pesquisador, um pesquisador paulista, tiraram foto dele, mandaram para mim e como ia falar aqui eu trouxe a imagem dele. Aqui a gente tem outras publicações sobre calendário tradicional Baniwa de janeiro a dezembro e tem esses símbolos correspondentes, o significado de cada período [André apresenta alguns livros] (Figura 09).

Figura 09 - Imagens de capas de livros mostrados na apresentação utilizada por André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável em 2023.



Fonte: Apresentação utilizada por André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável em 2023.

Esse aqui é sobre alfabetização na língua, sobre passarinhos, sobre a pimenta, sobre o que nós temos que fazer para vivermos bem na língua em português, sobre os peixes, esse é em Baniwa também, arte Baniwa, e esse aqui é reunião de relatos de experiências do povo Baniwa nos últimos 25 anos como rastro da nossa luta de Bem-viver. Esse livro aqui que acabei de mostrar (Figura 10), então nós temos essa publicação, esse registro que é para repassar aos jovens. O objetivo deste livro é levar conhecimento para os jovens sobre a luta dos povos indígenas, o projeto que aconteceu e como foi todo o processo que nós fizemos.

Figura 10 – Livro de ensinamentos para os jovens



Fonte: Apresentação utilizada por André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável em 2023.

[Na figura 11] Essa imagem de decisão onde discutimos com as mulheres apresentarem as suas pesquisas para a decisão de trabalhar a pimenta. Refletimos sobre a importância do movimento indígena, direitos indígenas (Figura 12), nessa época a gente achava que esse 2008 era longe, já passou fácil.

Figura 11 - Reunião das mulheres Baniwa



Fonte: Apresentação utilizada por André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável em 2023.

Figura 12 - Encontro Sub Regional Baniwa e Coripaco - 20 anos da FOIRN em 2007



Fonte: Apresentação utilizada por André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável em 2023.

Essa aqui é a imagem da nossa escola (Figura 13), isso aqui não é uma aldeia, mas podemos chamar de aldeia-escola porque ela toda é uma escola, nós decidimos criar a nossa escola em um local específico, separado, exatamente por causa das religiões, católicos e evangélicos, os dois principalmente.

Figura 13 - Aldeia Baniwa



Fonte: Apresentação utilizada por André Baniwa na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável em 2023.

Esse lugar seria um espaço para reviver a cultura Baniwa, não teria alguém lá com suas regras rígidas, “não pode isso ou aquilo”, então é um lugar de retomada da cultura, música e danças do povo Baniwa.

Algumas imagens da retomada [André apresentou nos slides], no caso dos evangélicos, muitos são filhos dos evangélicos, quase 100 anos depois essas imagens voltaram a aparecer usando instrumentos, aprendendo, e essas são as principais lideranças que tivemos, ali é a publicação do livro, a entrega de volta do livro.

Eu queria trazer um pouco para o que estamos fazendo no Ministério dos Povos Indígenas, essa é uma experiência do povo Baniwa, essa é como conseguimos chegar a elaborar segundo a nossa cultura o que é Bem-viver, mas o Bem-viver é possível trazê-lo para a política pública? Política pública do estado, do município ou no âmbito nacional, como agora estou no Ministério dos Povos Indígenas, é possível trazer isso para a política pública? Eu acho que sim, a resposta é que é possível trabalhar o Bem-viver nessa política pública do estado brasileiro, estamos trabalhando nisso, o Ministério dos Povos Indígenas incluiu isso na missão institucional e ela também trouxe isso no decreto que criou ela, vocês vão encontrar Bem-viver lá nesse decreto que cria esse ministério.

É muito importante ver depois, eu acho que o movimento indígena já estava também ligado no Bem-viver e a gente se adiantou no Rio Negro com o trabalho do Bem-viver, mas a gente vê que o movimento indígena como um todo assumiu esse discurso do Bem-viver e que pela criação do Ministério dos Povos Indígenas ela também foi adotada porque os indígenas pensaram esse Ministério dos Povos Indígenas e tem uma diretoria específica com esse nome do Bem-viver inclusive dentro do Ministério. Mas qual a importância desse Bem-viver na minha visão? Esse Bem-viver é possível tanto para a gente enxergar bem o que é educação escolar indígena, a saúde indígena, a gestão territorial, o desenvolvimento sustentável das comunidades e gestão ambiental desses territórios, eu acho que dá para a gente criar alguns indicadores a partir do Bem-viver. Esses indicadores, por exemplo, em relação às terras indígenas, têm muitas invasões de terras indígenas e isso não é Bem-viver porque isso impacta fisicamente, psicologicamente, culturalmente, além do território. As mulheres indígenas elaboraram muito bem esse corpo-território, porque o que é um território? Tem esse conceito científico, mas o conceito indígena culturalmente se está atingindo lá no limite desse município, é como se atingisse o seu corpo - “mas aquele lugar é nosso, por que ele fez isso? Não deveria ter feito isso!” - você está longe, mas ele atingiu o seu corpo, por isso que você reage assim. Então dá para criar esses indicadores.

No caso da educação, nós indígenas enfrentamos muita dificuldade, além do que eu escutei hoje, desde ontem e hoje na abertura, existe essa não concretização desses direitos, está na Constituição esse direito dos povos indígenas, está na legislação, no LDB, esses direitos indígenas, está na resolução do Conselho Nacional de Educação esses direitos indígenas ou do Conselho Nacional de Saúde indígena também, do Conselho Nacional de Saúde de uma forma mais abrangente. Isso existe, mas por que ela não funciona? Por que essas coisas não são colocadas em prática? Porque a experiência de escola que nós fazemos, desenvolvemos metodologia, estamos vendo resultado e quando chega na secretaria, a secretaria que recebe diz assim: “não está [certo], isso aqui não vai passar, isso aqui está errado!” Mas por que está previsto na legislação? Quem é que está errado nessa história? Aquilo que continua com o mesmo sistema apesar de legislação? Eu acho que são as pessoas que estão lá que não conseguiram se adequar com rapidez ao que prevê novas legislações. Eu escutei uma pesquisadora não-brasileira, ela tem uma observação seguinte, o Brasil é especialista em formular políticas e uma legislação bem específica aos povos, são bonitos, a gente escuta de longe, mas não são colocados em prática, cria várias legislações, mas estão lá! Então tem problema cultural aí, parece que as legislações são tipo cultura de mentira: “eu vou aprovar aqui, mas a gente não vai fazer para eles”, isso não é Bem-viver. Você vê que um dos conselhos que você vai encontrar no livro do Bem-viver é não mentir... estão mentindo para a gente, por isso que às vezes as comunidades indígenas ficam tristes, por isso que o Mário Juruna andava de gravador, é por isso, porque a gente vive num mundo de mentiras, grande parte em relação à legislação feita aos povos tradicionais indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, a sensação é a mentira. O Estado do Amazonas recebeu duas décadas atrás 20 milhões para construir escola, nunca usou um centavo para construir escola de propósito, isso é má fé, esses gestores deveriam ser penalizados, mas não são penalizados, tem várias coisas. Eu acho que o Bem-viver pode ser um dos indicadores da nossa felicidade, vamos dizer assim, inclusive da nossa infelicidade.

O Ministério dos Povos Indígenas na minha coordenação, estamos convencendo a Presidência da República, os assessores lá, para a gente construir esses indicadores do Bem-viver dos povos indígenas para monitorar municípios, estado e o próprio governo federal, quanto ele está colocando em prática a legislação ou políticas que são destinadas aos povos indígenas, aos povos quilombolas, aos povos tradicionais. Porque o IBGE não traz esses dados, a gente quer colocar isso no IBGE para ela ser oficial publicação, para ver se cria vergonha aos gestores públicos de que não está cumprindo a legislação no país, essa é a tentativa, se vocês concordarem, a gente precisa do apoio de vocês.

Tem uma questão que a gente está trabalhando que é um programa de ciências indígenas, esse programa de ciências indígenas, a Constituição de 1988, naquele capítulo do índio lá, se vocês lerem, são reconhecidos aos indígenas: organização social, costume, tradição, línguas, está escrito assim... Aqui ele está reconhecendo o nosso sistema de vida, o nosso sistema de vida funciona a partir exatamente das nossas ciências, as nossas ciências produzem os conhecimentos que eu apresentei aqui para vocês, que são nossos saberes, muitos indígenas hoje falam muito de saberes, mas é importante trabalhar a ciência indígena, isso é ruim para o país? Não, isso traz uma sensação de valor dos povos indígenas para se relacionar com os não-indígenas. Seria muito triste não falar para vocês da minha cultura quando vocês me perguntassem sobre a minha cultura.

A gente discutiu muito na Conferência Nacional de Política Indígena em 2015 desde local para regionais e para nacional, essa questão da autodeterminação, ninguém pode mudar o que foi feito por aquele que nos criou, eu sou assim porque o Criador me fez assim, eu vou modificar isso? Não tenho condição de mudar isso, eu falava para o meu povo: “eu posso ser evangélico, católico, qualquer religião, mas o meu ser Baniwa não vai mudar”. Eu falava para eles: “vou entrar no paraíso sendo Baniwa, se eu for para o inferno vou ser Baniwa também, ninguém vai mudar isso porque o Criador fez a gente para ser assim”. Então, acho que a gente tem que entender a profundidade da questão para a gente saber se relacionar com outras pessoas, saber da nossa cultura, da nossa história, vocês conhecendo a história, se você olhar as cidades mais desenvolvidas porque valoriza a sua cultura, a cultura local é valorizada, raramente você vê uma cidade mais organizada, talvez não valorizar a sua cultura local mesmo que ela transforme em turismo, mas elas são valorizadas dessa forma, são contadas de geração para geração, as pessoas passam essas informações.

Eu queria ter trazido para vocês em relação ao Bem-viver, a importância da ciência que nós estamos trabalhando para a gente se relacionar com as universidades, para a gente se relacionar com institutos federais ou com os municípios, com os estados e fortalecer o conhecimento tradicional dos povos indígenas e esse conhecimento no contexto atual de mudança climática, crise climática, emergência climática, elas podem ajudar a política pública a refletir melhor o que fazer para evitar, porque nos últimos 40 anos o mundo não tem sido capaz de frear o aquecimento da terra, se é que essas cientistas estão falando e estão confirmando, mesmo que acreditem ou não acreditem, mas está cada vez mais quente, insuportável, a gente tem uma equipe de monitoramento no nosso território e esses calendários estão em processo de desconfiguração, na época de chuva está vindo o

verão, no lugar do verão está vindo muita chuva e a piracema, a parte da reprodução dos peixes, fica uma confusão, você não sabe mais a época certa de fazer cacuri⁸ no nosso caso para pegar os peixes e a floração acontece antes do tempo e frutificação fora do tempo e assim vai, a gente percebe isso muito claramente na nossa cultura, isso faz parte também da gente monitorar a partir do Bem-viver e fortalecer essas atividades.

[...] Tempo de diálogo entre André Baniwa e a plateia.

Pessoal, muito obrigado pela paciência de me ouvir e pela curiosidade também. Essa busca do conhecimento eu vejo aqui muito forte. Muito obrigado também pelo Programa⁹ que me convidou nesse momento de dez anos do Programa. Eu vejo aqui, mesmo que vocês dizem que precisa ou falta a necessidade, mas tem bem viver aqui. Existe. Precisamos só alimentá-lo mais e a gente vai viver isso.

Vocês precisam saber, eu também, que é constante luta contra coisas que insistem também contra essa parte ruim, insistente, mais do que outra coisa. Então, a gente precisa saber, de fato, manejar isso. Tenho aprendido com os mais velhos, tenho 53 anos, tenho escutado muito os meus parentes desde pequeno e isso chegou a essa conclusão. Temos que saber manejar nossos conflitos. Conflito da comunidade, conflito do município, conflito do Estado, conflito, sei lá, do nosso país. A gente tem que encontrar um jeito de acalmar esse gigante terrível. É isso aí. Muito obrigado a todos.

TEMAS SELECIONADOS DAS PERGUNTAS REALIZADAS PELA PLATEIA E AS RESPOSTAS DE ANDRÉ BANIWA

Como funciona o amor em Baniwa – *Ipedzokhetti*

Segundo a tradição, com os mais idosos que nós aprendemos através desses projetos, você pode manifestar isso de várias maneiras, através da sua ação, vamos dizer assim. Fazer-se cestaria bem feito. Ali está o seu sentimento de fazer o bem. No caso, ele é feito pelos homens para a mulher, ele não está fazendo para qualquer um, para uma mulher, geralmente para a esposa, então, tem que fazer bem feito. Essa peneira, por exemplo, é feita bem colorida, com desenhos. Eu vou presentear alguém, então tem que ser muito bem feito.

8 Armadilha para pegar peixe.

9 Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.

Porque eu quero que quem recebe, receba bem e fique com alegria. Eles dizem que se eu fizer uma coisa bem feita, com esse *lpedzokhetti*, com amor, dificilmente o outro não vai gostar do produto que eu vou fazer. Esse é o princípio dos mais idosos.

Na comida, na forma de se vestir, inclusive na forma de pensar, você só vai soltar palavras boas. O convívio, as pessoas vão falar bem de você. Você não precisa falar bem de você mesmo. Na cultura Baniwa é outra pessoa que vai falar de você. Por isso eu tenho dificuldade. Eu estou no mestrado lá na UNB e eles querem que eu fale da minha experiência. Está difícil contar a minha experiência. Eu tenho falado nos últimos 30 anos do povo Baniwa, não de mim. Eu sou representante, eu não falo de mim. Aprendi a gostar de falar assim, então, é outro que vai falar, mas eu vou tentar escrever e me autorizaram a falar coletivamente agora. Mas tem essa função do *lpedzokhetti* e você vai manifestá-lo assim. Esse oferecimento da comida, também se oferece o melhor, não o pior. São ensinamentos. É difícil praticar às vezes, mas os conselhos são esses, é bom a gente tentar. De vez em quando a gente cai na tentação, é assim mesmo.

Sobre a conjugação do verbo amar

Os Baniwa fazem a conjugação desse verbo amar? Sim. *Nopedzo, pipedzo, lipedzo, wapedzo, napedzo* (eu amo, tu amas, ele/a ama, nós amamos, eles/as amam). Isso existe. *Nopedzopia, lipedzopia* (eu amava, ele/a amava). Isso é passado. *Nopedzo watsa, lipedzo watsa, pipedzo watsa, wapedzo watsa, napedzo watsa* (eu amarei, ele/a amará, tu amarás, nós amaremos, eles/as amarão). Existe essa conjugação. Então, existe essa prática, essa declaração. Tem uns corajosos que falam isso. Eu não tenho muita coragem, não [risos].

Porque dizem assim, *nopedzoka phia* – eu te amo – na cara da pessoa. Então, existe. E na frente de todo mundo, os Baniwa faziam os casamentos públicos. [...]. A decisão é da mulher. A tentativa é de homem. Ele vai sair de lá, o solteiro, ele vai olhar para a cara, “Eu quero essa aqui”. Vai estender a mão. “Eu te amo”. Se ela estender a mão, pegar na mão, é casamento. Se ela não aceitar aquele homem, não levanta a mão. Ela vai levantar para quem ela decidir casar. Não tem nada. Mas existe esse momento coletivo. Tem que ter muita coragem, eu acho. Mas existe para falar para você.

Como o povo Baniwa lida com a emergência climática

Sobre a sua questão da emergência climática. Como é que a gente lida com isso? Isso impacta muito. Eu mesmo, quando nasci no nosso território, já tinha essa religião, tinha uma fala que era assim: “o mundo vai acabar no ano 2000”. Isso era religião, não sei se era religião ou alguém introduziu isso, sei lá como. Mas eu era muito pequeno na época, eu falava assim: “por que eu nasci já para o mundo acabar? Isso é injusto do Criador esperar eu nascer e ele decidir acabar com o mundo. Isso não está certo, não!” Então, dá um impacto muito forte. Imagino que os jovens devem ter mesmo essa questão. Meu filho, outro dia perguntou isso: “E aí pai, como é que a gente vai ser?” Mas ao longo do tempo, da experiência, o que é esse mundo? O meu tio, ele me ensinou muita coisa assim. Ele diz que o mundo é sempre mundo.

Ele está se referindo ao sol, a lua, as estrelas, a água... Ele falou que muitos que nasceram antes de nós, há milhares de anos, o sol é sempre o sol. A estrela é sempre estrela. A lua é sempre lua. Se você se referir ao mundo para essas coisas, essas daqui não acabam não. Nunca vão acabar. Essa é a conclusão dele. Ele era pajé. Agora, quando se fala de que o mundo vai acabar, está se referindo a nós mesmos. Quem que faz mal no mundo? A própria pessoa faz mal para ele mesmo, ele dizia. E parece verdade, porque muitos dos meus apoiadores já se foram. Eu sei lá! Quando eu voltar novamente para o céu, quando Jesus precisar de uma assessoria, ele me leva para lá. Mas é o mundo individual de cada um.

Me parece que às vezes se fala do mundo, “o mundo vai acabar”. Eu acho que a minha reflexão é muito intercultural tá, não é muito cultural não, mas a conclusão que eu tenho é que o mundo que vai acabar é de cada um, pode ser qualquer hora. Isso é uma forma da gente aguentar, suportar, tolerar essas coisas que estão acontecendo. Tem informação científica, tem uma explicação científica do que está acontecendo no Rio Grande do Sul, do que está acontecendo com essas mudanças climáticas, aquecimento global e outras coisas, mas, como é que a gente vai superar isso? A gente poderia. É isso que Ailton [Ailton Krenak] está dizendo. Se a gente tomasse uma atitude... todo mundo já sabe qual é o problema, qual é a ação que traz esse prejuízo, mas o mundo, as pessoas, não pararam de fazer isso. Na cúpula da Amazônia, no diálogo amazônico, ano passado, essa preocupação, se você pegar a visão, o discurso em relação a, pelo menos, parar essa subida da temperatura da Terra... Eu não vi uma proposta para frear essa temperatura da Terra. Ao contrário, é sempre no sentido de daqui dois anos, 4 bilhões... é assim. E esses bilhões e contrato, a partir disso é que pressiona o desmatamento, a poluição... então, ninguém está preocupado em parar o

aquecimento da Terra. Isso é triste. Mas a gente poderia parar radicalmente para entrar no diálogo do Ailton Krenak pelo menos, adiar o fim da Terra.

Na profecia Baniwa o mundo vai acabar também. Essa parte é triste. O mundo vai acabar. Se você pegar o Brasil assim, onde que ainda tem floresta? O mundo começou, para nós, ali. A humanidade nasceu ali. Não dá para explicar aqui, teria que dar uma explicação para vocês entenderem, mas a humanidade – estou falando indígena e não-indígena – nasceu no mesmo lugar e se espalhou para o mundo. E por que o Criador nos separou? Porque ele dividiu o conhecimento entre nós. Para nós, ele deixou esses conhecimentos que vocês sabem, que não prejudicam o meio ambiente. Para os outros, eles pegaram simbolicamente aquilo que é prejudicial. E se eles convivessem desde aquela época, o mundo já teria acabado há mais tempo.

O que está acontecendo? Essa selvageria de buscar lucro de qualquer jeito é o que está pressionando e vai chegar. A profecia Baniwa diz isso. No dia que chegar lá, onde começou a humanidade, é que, de fato, vai estar perto do fim do mundo. Então, para frear isso, tem que proteger. Teríamos que proteger isso. Isso na nossa crença. Isso foi profetizado pelos pajés. Não profetizar assim, mas pela cerimônia eles viam isso. Essa Covid, ela foi vista quase dez anos antes que aconteceria isso e aconteceu.

Sobre a tradução e a cultura

A gente tem muitas dificuldades na tradução cultural. A palavra sustentabilidade. É difícil entender, traduzir essa sustentabilidade! Biodiversidade, também é difícil traduzir, porque são duas palavras que estão ali. Biodiverso, em Baniwa, é *Manope* (diversos ou muito). Bio, segundo a biologia, é vida, né? *Manope nanewikika* (diversas vidas).

Em Baniwa, a vida vai ser *nanewikika* (vida/especificidade). Isso é para a floresta, isso é para os peixes, isso é para nós seres humanos também, não tem diferença. Então, como é que eu vou fazer nessa cultura que separa animais, que separa floresta? Difícil traduzir. Tem que explicar, é possível explicar.

No caso da sustentabilidade. O que é sustentabilidade? Eu preciso entender isso primeiro na própria cultura não-indígena para tentar traduzir ela para Baniwa. Porque isso, culturalmente, não existe para nós. Ali a gente vive isso, mas de outro modo.

Então, a sustentabilidade, de muita discussão que fazemos coletivamente, a gente

chegou a *manakai* (sustentabilidade). Mas o que significa *manakai* em Baniwa? Não faltar. Não faltar peixe, não faltar floresta, não faltar água boa, não faltar casa, não faltar flecha, não faltar festa, não faltar... Isso seria sustentabilidade. Faltou uma parte desta, é ao contrário da sustentabilidade. Esse *manakai*, a gente formulou a partir do conceito da própria sustentabilidade.

Não sei se é exatamente isso porque se você traduz uma palavra em português para a cultura Baniwa, quando você retraduz ela, já não é mais 100% da origem, ela sofre uma certa alteração cultural. Traduz para Baniwa e depois traduz o que está em Baniwa para português. Já vai ficar um pouquinho mais diferente, talvez não tão diferente, mas mais explicativa do que aquela palavra que eu só vou entender o significado dela se alguém me explicar a origem dela, o conceito dela, vou aceitar isso. Então, de fato, tem essa dificuldade em muitas culturas porque ela não tem na nossa cultura. Tem adaptações de muitas coisas que a gente não conhece. E algumas coisas que, tipo, o que faz a gente chegar no bem viver? Porque esse *lpedzokhetti* tem correspondência com o que a gente está falando aqui, mas muitas vezes não dá nem para traduzir.

Sobre a escolha das pessoas nas aldeias sobre manter ou não as tradições

Então, essa parte do interior em relação ao Bem-viver, a instrução, no caso, os conselhos, nesses conselhos de cerimoniais é que a gente busca alimentar, no nosso coração, sempre a parte boa porque ela é tentadora sempre. Eles ensinam, por exemplo, a vida de casal.

Os Baniwa, a qualquer momento, você está alegre, de uma hora para outra, você fica bravo, capaz de matar o marido. O marido tem que perceber, ele tem que fugir porque a raiva do momento ele é passageiro há alguns minutos. Você está com raiva de mim, você tem aquela raiva, de repente, assim, eu vou ali, daqui a pouco eu volto e já passou, mais ou menos assim. E se eu fizesse aquilo? Estava feio. Então, eles recomendam não fazer errado durante quando você está com raiva. É melhor sair fora. A pessoa também tem que saber evitar isso.

Você não é assim, então, eu vou-me embora, daqui a pouco está tudo certo. Esse é o ser humano, não tem jeito, tem que manejar. Por isso, os Baniwa e os povos indígenas do rio Negro, chamam de manejos da vida, manejo dos mundos, porque você sabe que existem esses conflitos, então você tem que manejar. Quem manejar bem a vida, parece

que o tempo inteiro não tem problema. Na verdade, ele sabe manejar esses conflitos. É o ensinamento também do bem viver.

Sobre a organização dos povos indígenas da região [a qual pertence André Baniwa] em federações e confederações.

As confederações existiram, segundo o pesquisador que pesquisou os Aruak e outros povos da Amazônia. Como é que isso acontece na prática? É isso que faz entender que a gente tem essa reconstrução, no caso. No Rio Negro, começou com associações menores e que quando foi levado para os demais outros povos, aquelas assembleias, na primeira e na segunda, criou-se a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, que organizou melhor os 23 povos em 90 associações. Hoje em dia, 90 associações de 750 comunidades e sítios de três municípios: Barcelos, Santa Isabel e Rio Negro. Essa é uma federação. Ela representa isso. E existe estrutura de governança de decisão máxima - que em assembleia - reúne todos esses povos, essas organizações, para discutir e fazer uma deliberação do que vai fazer em relação ao interesse, as coisas que estão acontecendo de errado e por isso, ela tem muita força. Baseado nessa experiência do Rio Negro, foi criada a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia, a COIAB, onde o Gérsem Baniwa foi coordenador, inclusive.

Então, os povos do Rio Negro influenciaram e se juntaram com outros povos da Amazônia para criar essa coordenação. E, mais recentemente, o modelo da Federação do Rio Negro foi criado e foi Federação Ticuna, Federação no Pará, Federação... Tem mais Federação lá. Isso é uma retomada desse processo. Porque a percepção indígena é que só se organizando dessa forma que ela vai ter poder político. A participação política indígena direta, proporcionada pela Constituição 232 é essa. Indivíduo, comunidade, ou através da representação dela, que são as organizações indígenas. Dá para fazer. Está acontecendo isso.

A partir da experiência dessa Amazônia é que, novamente, foram criadas essas regionais também, no Nordeste, no Centro-Oeste, no Sudeste e no Sul do país, que acabam sendo base forte da Articulação Nacional dos Povos Indígenas, que é a APIB. Então, a Organização e o Movimento Indígena, a organização indígena no país, está organizada dessa forma. Nacional, regionais, abaixo de regionais, são sub-regionais, além dessas associações específicas dentro dos territórios de cada um, ou vários em cada território. Acho que ela ainda está no processo de retomada de organização para a luta desses direitos.

Sobre avanços e desafios dos projetos de desenvolvimento sustentável nas terras indígenas Baniwa.

A Arte Baniwa inspirou muitos povos indígenas no país. Ainda hoje, a Arte Baniwa é exemplo de discussão. A gente continua comercializando, mas não naquele nível de sobrar dinheiro [referindo-se a um projeto específico com a Tok&Stok nos anos 2000]. Acho que para a imagem positiva, para o processo, a metodologia que ela criou, ela se sustenta na qualidade. Ela ter sido a forma de resgate também da cultura, daquele conhecimento, ela é sustentável. Já economicamente, precisa ultrapassar outro nível para a gente ver se a gente ganha mais dinheiro, no caso.

Eu acho que sustentabilidade muitas vezes está nisso, mas, para as comunidades indígenas, é você manter o conhecimento, manejar essas matérias primas, aprofundar esse conhecimento sobre ela e continuar com esse conhecimento, transmitindo esse conhecimento.

Sobre a aproximação do não-indígena no turismo em território indígena

Sobre a questão do turismo cultural envolvendo a questão indígena, eu vejo isso como uma coisa positiva. Porque, por exemplo, esses projetos que apresentei aqui do povo Baniwa, só ela não é capaz de recuperar essa tradição porque a gente já tem muito contato, então, tem o desejo de geração de renda, do dinheirinho, e associar ela com o conhecimento não-indígena e poder servir como meio de trazer a renda para as comunidades. Isso anima a comunidade, anima o jovem a querer aprender novamente porque o mundo que ele recebeu, as instruções que ele recebeu, são outras, então ele foi ignorando, desprezando o conhecimento.

Então, quando você traz um novo sentido para a cultura, isso reanima não só quem tem esse conhecimento, reanima o jovem a querer voltar a conhecer. Porque ela tem esse novo significado para ele e aproveita passar as histórias, como ela funciona, o manejo daquela matéria-prima, e vai voltar para, junto à escola, ser valorizado esse conhecimento novamente. Então, por isso, a atividade cultural no Rio Negro tem sido muito positiva. Os Baniwa não trabalham com turismo. A gente está querendo entrar nele agora, mas outros povos tiveram uma boa experiência nesse sentido também. Tem três lugares no Alto Rio

Negro que são bem sucedidos no campo de turismo, pesca esportiva, etnoturismo e tal, então é muito positivo.

Sobre a intervenção de pessoas externas à Aldeia e seus impactos na comunidade

Sobre a sua questão, eu fui conselheiro municipal de saúde, fui presidente do Conselho Municipal de Saúde, conselheiro distrital de saúde e presidente do Conselho Distrital. O que eu vejo em relação a isso? Eu tive muita curiosidade em entender esse Estado, como é que ele funciona, o que é esse controle social. Eu tenho aprendido que o controle social é uma espécie de poder, de quem não é, quem não tem poder, mas é uma espécie de poder para conversar com quem tem poder, com certo limite, mas é um poder. Então, nesse conselho, quem está lá é representante. Ele é escolhido para representar.

O que tem acontecido nos últimos tempos em relação a esses conselhos distritais é que o próprio Ministério da Saúde, principalmente o SESAI, tem uma equipe que forma o conselheiro, mas eu acho que eles têm formado o conselheiro de uma forma errada. Eles têm formado as pessoas para servir a eles, não o contrário. Que a função do conselheiro é ao contrário, não é servir ao gestor, é questionar o gestor de modo que ele possa pensar e encontrar novas soluções para aquele problema que não está sendo resolvido. E quando esse representante não faz isso, ele leva problema para a comunidade. E a partir do momento que ele leva problema para a comunidade, ele não está sendo representante.

Essa é a minha experiência. Você constroi a representatividade a partir da comunidade, a partir das resoluções coletivas. Então você já vai pronto para tentar resolver o problema. Não pode trazer de volta o problema, a não ser quando você não consegue resolver. Não conseguiu resolver por causa disso. Aí o coletivo vai recomendar novas soluções. Não você levar o problema. Tem funcionado na minha época porque, a gente que fazia essas articulações com as universidades, com a própria Fiocruz, levamos pesquisadores, levamos tudo. O conselho fazia isso. Recomendava, aprovava e a gente ia gerindo porque é um tipo de gestão, gestão participativa. Isso é uma confusão que tem sido criada desde a FUNASA até a continuidade. Teve uma geração muito forte na nossa época, mas teve uma geração que começou com “não precisa brigar, porque brigar é ruim, não sei o quê”. E tem essa situação que a gente está vivendo hoje, eles não conseguem sair disso. Esse é um problema de representatividade, eu acho.

Sobre os projetos do Ministério dos Povos Indígenas para o avanço da interculturalidade da Universidade

Essa questão da interculturalidade, acho que é possível trabalhar nas Universidades, nos Institutos, nas políticas públicas. Acho que hoje já tem um pouco mais de aceitação o conhecimento cultural. Vou falar relacionado a vocês, que é a Universidade.

Outras experiências que tenho andado, por exemplo, a Universidade, quando recebe os indígenas é porque ela está aberta, ela abriu o coração, vamos dizer assim. Abriu o coração 'vamos aceitar os indígenas aqui.' E quem está vindo tem conhecimento, tem cultura, vai ter impacto. Eu acho que isso é ambos os lados. Não sei se vocês devem fazer isso. Tem que se escutarem com esses povos.

Os indígenas têm que abrir mão. Ele está entrando na cultura de quem escreve, ele não pode vir aqui, na minha opinião: "Eu sou da cultura oral, então, eu só vou fazer oralidade aqui", não dá! Estou entrando na cultura de quem escreve, então, vou aprender a escrever. Então, tem certos acordos que têm que ser feitos. O mundo, para mim, é feito de acordos, vamos dizer assim. Essa diplomacia tem que acontecer, essa relação pública. Eu aprendi. Eu tenho vontade, tem que ser desse jeito - vamos falar do conselho também. A minha proposta é essa aqui. O outro lado diz não, mas, vamos construir. Nem a sua, nem a minha, mas mais ou menos, vamos fazer. De modo que eu fico feliz, você também fica feliz. Estamos de acordo. Essa construção precisa ser feita. A interculturalidade também é isso. A cestaria, a pimenta, se eu levar do jeito que a gente faz, ninguém vai querer comer. Eu fiz a experiência sobre pimenta, por exemplo. Eu coloquei a pimenta nesse garrafão aqui. Eu experimentei isso com os próprios indígenas na cidade de São Gabriel. - Eu tenho a pimenta e esse é o objetivo. Alguém quer comprar? Ninguém olha para essa garrafa, todo mundo de cabeça para baixo porque já tinha visto antes de perguntar, eu nem trouxe a minha pimenta. Pimentinha com rótulo, tudo bonitinho. - E esse aqui, ninguém quer comprar? - Que bonitinho! Eu quero! Mas por que ficou bonitinho? Por causa da junção de conhecimentos ali. O rótulo não é nossa maneira de fazer, vidrinho não é, a tampa não é. O que está dentro é: a pimenta. Eu posso contar histórias sobre ela e as pessoas gostarem. A pimenta é para proteger a vida, para purificar o alimento antes de eu comer, para não fazer mal para mim, para fazer só bem para mim. Se eu der uma palestra sobre pimenta, a maioria vai querer comer pimenta. Entendeu essa questão da interculturalidade? Eu acho que o conhecimento é possível ser trabalhado assim. Um pode ajudar o outro, fortalecer o outro.

Sobre a influência religiosa não indígena dentro da comunidade

Então, essa influência de fora, ela é muito forte. Agora, o que aconteceu- acho que muita gente já falou aqui, ela falou bastante sobre isso. - Como é que acontece, por exemplo, a chegada da religião? O que aconteceu com os Baniwa? A história é um pouquinho longa nesse sentido. Esses pajés, um dia, eles previram que chegaria essa mudança. Não sabiam o que era. Na visão cerimonial deles, que eles sempre olham lá nas nuvens, que era como se fosse uma mulher com papel na mão, e tinha muito poder.

Não sabiam se iam ver ou se são os descendentes que iam ver essa história. O fato é que eles ainda viram essa mulher chegar, mas eles não tinham certeza que era ela mesma. Será que é ela? Como é que a gente vai saber e tal? Resolveram envenenar essa mulher. E se ela não morresse, era ela. E, por sorte, não morreu. E recomendaram que ouvisse o que ela falasse. Essa história é de uma americana, uma mulher, vocês podem pesquisar para ver, que entrou pela Colômbia e desceu lá na cabeceira desse rio que eu mostrei para vocês. E os Baniwa aceitaram de primeira por causa disso. Só que os Baniwa, eles... E essa mulher parecia que tinha uma certa visão de empreendedora, ela era publicitária, vamos dizer assim. E os Baniwa que receberam ela, também pegaram essa 'palavra de Deus'- assim que eles chamam - no sistema cultural do povo Baniwa, autônomos. Não tem alguém lá coordenando. Os próprios Baniwa que manejam isso.

O sistema cultural de festa foi substituído com a 'palavra de Deus', vamos dizer assim. A forma de se receber o conselho é a mesma. Só tiraram as bebidas fortes, quentes, que vocês chamam. E isso não está mais. Então, a busca máxima do bem viver, vamos dizer assim, o espaço, é para combater esse mal viver. O sentido desse momento de 500, 600 pessoas durante 4 dias é esse. Mas lembra uma festa tradicional que a gente chama de *podáli*¹⁰ que todo mundo participa.

Tem festas que as mulheres não participavam e que os meninos também não participavam. Precisavam passar pela iniciação, que eles chamam. Mas eles pegaram só essa que é comum a todos. Isso está no registro da pesquisa de mestrado da Universidade Federal do Amazonas. A gente recomendou para a gente entender isso também. Tem essa situação. Mas tem impacto. O impacto da desvalorização do conhecimento, por exemplo. Essa coisa condenou o pajé, condenou outras rezas. Mas, no fundo, continuava usando.

10 Festa de celebração, reciprocidade e promoção do bem viver.

Por isso que, quando chegou o direito, quando eu comecei a trabalhar, eu verificava que o conhecimento só estava ali adormecido. Você não falava sobre ele, mas estava usando ele todos os dias. Como peneira, como tipiti, como mandioca. O que é mandioca? *Kaaly*¹¹. *Kaaly*, que é personagem da fartura. Na tradução seria Deus da fartura, Deus da agricultura. Sei lá, alguma coisa parecida assim. Todos os dias você faz comida, peixe. Tudo é Ele. A carne é Ele. A vida é Ele. Então, é fácil você recuperar isso.

Sobre a educação formal e seu impacto na identidade cultural dos povos Baniwa

A escola, antes desse tempo de direito, os Baniwa a definiram como a escola de preguiçosos. A gente fez o primeiro, o segundo e o terceiro encontro para falar sobre isso. A conclusão dos mais velhos, que a escola que estava chegando estava produzindo filhos preguiçosos. Porque a aula começava das 8h até as 11h30. E os velhos, os pais, já tinham ido para a roça ou para a pescaria. E esses meninos ficavam sem acompanhamento o resto do dia. Sabe lá o que está acontecendo? Então, se distanciava da vida, do dia a dia da família.

Então, quando a gente pensou a nossa própria escola, dizia assim: “não, esse menino tem que ser trabalhador! Então, vai ter que passar por isso, por isso”. Eles que ditaram como tinha que ser a nossa escola. E, de fato, o resultado dessa escola que a gente pensou é que o menino que saiu meio preguiçoso da sua aldeia voltava agitado e querendo ajudar. Então, por isso, é que a escola se sustenta politicamente. Por isso, a escola é boa. Não pode acabar. Apesar de dificuldades, mas ela está lá.

11 Personagem, Deus da criação do sistema de roça Baniwa.